

BULLYING: DESVENDANDO UM CONCEITO

STADLER, Patrícia – UNICENTRO
patriciastadler@live.com

MARTINS, Mario de Souza – UNICENTRO
mariosm51@ig.com.br

Eixo Temático: Violências nas Escolas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Este artigo é parte integrante da pesquisa de Iniciação Científica Voluntária, cujo título é: “*Bullying* e o cotidiano do adolescente”. Têm por objetivo analisar conceitos relacionados ao *bullying*, tais como: agressividade, indisciplina e violência, que podem se confundir com o mesmo, assim como, identificar fatores que contribuem para o surgimento do *bullying* e como podemos preveni-lo. Analisar o *bullying* em uma sociedade sob o domínio do sistema capitalista que impõe “modelos” que devem ser seguidos pela população exige uma profunda reflexão dos estudiosos da área, bem como dos professores e profissionais ligados a educação que convivem com situações assim diariamente. A diferença de poder também será abordada nesta pesquisa. O *bullying* é uma forma de intimidação que está presente nas formas ou atitudes agressivas, intencionais e repetidas, ocorre por motivos, na grande maioria das vezes banais. Como a escola reage a isso? O olhar dessa pesquisa é pautado à luz dos escritores e estudiosos da área. Considerando que, apesar do termo “*bullying*” não ser conhecido por alguns o ato *bullying* é extremamente freqüente. Adotamos a metodologia de pesquisa bibliográfica, usando desde autores clássicos até as publicações mais recentes no que diz respeito ao tema central, visando desvendar as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema. Sendo uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico não visa produzir um conhecimento novo, mas propiciará ao pesquisador conhecimento fundamentado sobre o tema, fazendo-o exercitar seu espírito crítico em busca sempre de novos saberes acerca deste tema que muito se comenta na mídia, mas poucos sabem suas características reais.

Palavras-chave: Agressividade. Bullying. Indisciplina. Violência.

Introdução

O trabalho em questão tem por objetivo desvendar o fenômeno *bullying* e, relacionando-o a outros conceitos como indisciplina, agressividade e violência, verificar se com eles se confunde, ao mesmo tempo em que demonstra suas especificidades, portanto,

pretendemos mostrar as semelhanças e/ou divergências entre os mesmos. Devemos entendê-los, aprendê-los e estudar suas causas e conseqüências, para que, quando nos depararmos com situações em que haja o *bullying* e demais conceitos, saibamos lidar com cada um de forma a contento.

Hoje, a escola vive as conseqüências da violência extra e intramuros. E nós educadores devemos estar preparados para combatê-la, assim como os intelectuais transformadores que Henry Giroux apresenta em *Escola Crítica e Política Cultural*. No qual o autor aborda que “a escolarização, a reflexão crítica e a ação tornam-se parte fundamental de um projeto social para ajudar os alunos a desenvolverem uma profunda e inabalável fé no combate para vencer injustiças e mudarem a si próprios.” (GIROUX, 1988, p. 32).

A partir disso, a escola e seus profissionais devem trabalhar com os alunos a questão do *bullying*, da violência. Desenvolver projetos, atividades extraclasse que façam tanto os professores quanto os alunos se sentirem também “transformadores”. E que acreditem nas mudanças, neste caso, visando melhorias a todos.

Desenvolvimento

Identificando o objeto

Nos dias atuais, a mídia sob o domínio do sistema capitalista impõe “modelos” que devem ser seguidos pela população, que vão desde o modo de se vestir, o comportamento e as marcas que estão em alta até o corpo ideal, entretanto essas ofertas não são acessíveis a todos na sociedade. Isso causa naturalmente uma insatisfação nos consumidores, principalmente entre os adolescentes que não podem satisfazer todos os seus desejos e não possuem os mecanismos de reflexão que expliquem essa desigualdade, tornando a relação entre eles conflitiva. O surgimento dos conflitos na escola está relacionado com a insatisfação vivida pelos jovens, que não conseguem acompanhar as exigências da sociedade, e não possuem os mecanismos de reflexão sobre as desigualdades sociais. Daí nos defrontamos diariamente com os noticiários que cada vez com mais frequência abordam cenas de violência, agressividade, pesquisas sobre as causas de evasão escolar, e para muitos tudo isso se denomina *bullying*. Nesta pesquisa apresentaremos conceitos que têm relação com o *bullying*, mas que não podem se confundir com ele.

Acreditando na ideia que o bullying tem como ponto culminante a indisciplina, iniciamos este trabalho com o conceito da mesma.

O termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização. (...) Dentre as formas de indisciplina, a mais preocupante é a violência escolar. (SILVA, 2010. p. 21).

A indisciplina tem como alvo alunos, professores, diretores, bem como, outros profissionais que trabalham e/ou frequentam a escola e até seu próprio patrimônio. Consiste na falta de respeito tanto para com os profissionais da escola como para os alunos da mesma. Esta forma de comportamento se dá desde a agressividade verbal, com uma linguagem de baixo calão, xingamentos e ofensas até a agressividade corporal, brigas e empurrões, usando a violência como saída e também destruição do patrimônio escolar e bens públicos, tais como pichações que muitas vezes denigrem a imagem dos “alvos” dos agentes dessas ações.

Colocamos como ponto inicial para a discussão a indisciplina, porque é a partir dela que entraremos no conceito de agressividade. A indisciplina quando acontece dentro do meio escolar, se dá pela falta do cumprimento de normas estabelecidas por professores, diretores ou pelas regras internas que regem a instituição. É no momento que o aluno desrespeita um colega ou profissional da escola através de ofensas e xingamentos, que entra a agressividade verbal.

Segundo Ruotti, Alves e Cubas as principais características dos alunos “tachados” como indisciplinados são:

[...] a agressividade não apenas no trato com colegas, mas também com adultos como professores e pais. São pessoas impulsivas que, geralmente, sentem a necessidade de dominar o outro, fazendo uma avaliação positiva de si mesmos e tem dificuldades de se identificarem com os sentimentos das vítimas das agressões. No caso dos garotos, são geralmente mais fortes que a média dos demais alunos. (2006, p. 179).

Sendo assim, a agressividade pode atingir tanto o psicológico, como o físico das vítimas, surge como um reflexo da violência desde a Idade Média com a vida interior das

sociedades medievais até os dias atuais. Para facilitar nosso entendimento sobre agressividade, Fante (2005, p.162), agrupa as diversas teorias explicativas em dois grupos:

- Teorias ativas: aquelas que defendem a agressividade como impulsos internos e inatos. A agressividade seria algo próprio da espécie humana e, portanto, impossível de evitar;
- Teorias reativas: aquelas que defendem que a agressividade tem influência ambiental. A agressividade seria uma reação aprendida no ambiente.

Sintetizando, as teorias ativas acreditam que o ser humano já nasce portador da agressividade, é algo intrínseco, próprio da pessoa, inevitável. As teorias reativas defendem que é no meio em que o ser humano está situado, convive que aprende a agressividade, aqui entram as “más companhias”, por exemplo, a pessoa pode não ser agressiva, mas por algum motivo quer andar com determinado grupo e pra isso usa da agressão. Ou até mesmo, na sua própria casa, se desde pequena a criança presencia cenas de violência e xingamentos com frequência, ela vai “internalizar” esses atos. Se ninguém explicar e ensinar que isso é errado, ela simplesmente vai repetir o que vive em casa.

Lorenz (1974) postula que “a agressão resulta basicamente de um instinto de luta herdado que os seres humanos compartilham com muitas outras espécies”. Defendendo a não-agressão e a busca pela disciplina escolar, acreditamos que esse “instinto de luta” deveria ser usado apenas para defesa, mas a violência atualmente é tão grande e ao frequente que por vezes, muitos agressores fazem-na apenas para aparecer, ou por prazer no sofrimento alheio.

As teorias de Lorenz e Freud deram origem as concepções mais naturalistas, e assim surgiu a tese da agressividade como resposta à frustração, de maneira que descarta a ideia do homem como ser agressivo por natureza e aceita a agressividade como consequência de experiências frustrantes. Essa concepção conclui que a criança é potencialmente agressiva desde o seu nascimento; portanto a agressividade é inata e, ante uma frustração provocada pelo meio, ela é ativada. (FANTE, 2005. p. 163).

As “concepções mais naturalistas” como a autora chama, seriam uma espécie de união entre as Teorias Ativas e Reativas, explanadas por ela anteriormente. Sendo assim, o ser

humano nasce portador da agressividade, é algo inato (Teoria Ativa), porém, através de um desapontamento no ambiente, esta é ativada (Teoria Reativa).

A agressividade é um fator considerável para que a violência aconteça. Uma pessoa agressiva, muitas vezes usa da violência para descontar sua raiva, ira, decepção.

Para Sigmund Freud (1856-1939) a agressividade é inata no homem, gozando de estatuto semelhante ao da sexualidade na economia psíquica. Ou seja, a agressividade é inerente, não se separa no homem e tem papel fundamental na construção psíquica humana. Segundo Mezan (1992), esta agressividade procura se satisfazer na forma de destrutividade e/ou autodestrutividade.

A agressão se tornou um fator comum nas escolas. A violência está nas primeiras páginas, dos noticiários, dos jornais. É um fenômeno que vem sendo discutido com maior frequência e que preocupa estudantes, pais, professores e a sociedade em geral, que precisa tomar providências para não aumentar ainda mais.

Pensando a Violência

Para Odalia (2004, p. 9) “a primeira imagem da violência, sua face mais imediata e sensível, é a que se exprime pela agressão. Agressão física que atinge diretamente o homem tanto naquilo que possui, seu corpo, seus bens, quanto naquilo que mais ama, seus amigos, sua família.”

A violência original para Odalia:

qualquer que seja sua intensidade, está presente nos bairros sofisticados e nas favelas, nos bairros de classe média e nos pardieiros, nos campos de futebol da várzea ou no estádio do Morumbi. Ela se estende do centro à periferia da cidade e seus longos braços a tudo e a todos envolvem, criando o que se poderia chamar ironicamente de uma democracia na violência. (2004, p.9).

Ou seja, as consequências da violência original são perceptíveis até na paisagem urbana. As residências localizadas em bairros conceituados e elegantes têm espaços fechados, as casas todas muradas, exprimindo defesa e proteção. Como descreve o autor “o espaço é contido e prisioneiro, os jardins são engolidos por grossas e altas muralhas (...) contra a violência, preocupação constante e diuturna.” (p.12).

Porém a violência não escolhe apenas os bairros elegantes. Nos bairros desfavorecidos e favelas, a violência não pode ser evitada com cercas e muros. Ela faz parte da realidade destes lugares, “uma realidade cuja proximidade e intimidade auxiliam esquecê-la. Ela é enfrentada como uma das tantas calamidades que se enfrentam no cotidiano. Sobreviver aí é sofrer e produzir violência”. (ODALIA, 2004, p. 12).

Nesse sentido, cabe ressaltar que a desigualdade social é um fator nítido no Brasil, a má distribuição de renda é escancarada aos olhos da sociedade. Em uma favela, ou num bairro simples, carente muitas vezes de saneamento básico, alimentação, a violência é apenas mais um “problema” no dia a dia dessas pessoas que não tem condições sequer para se alimentar adequadamente que dirá morar num lugar “protegido”.

O que acaba acontecendo como explana Odalia, é que o conformismo acaba sendo uma forma de proteção. A violência nestes locais é cotidiana que já se tornou corriqueira.

Desigualdade Social e o Bullying

Para compreender como a desigualdade interfere na violência, e no próprio bullying, frisamos a seguir o que estudiosos e sociólogos discutem sobre a desigualdade, bem como, a diferença. Indagamos a seguinte questão: A desigualdade social contribui para o bullying?

Barros trabalha com as aproximações de sentido entre igualdade, desigualdade e diferença. Segundo ele, igualdade opõe-se a diferença, mas, por outro lado, se contradita com desigualdade. Sendo assim, igualdade e diferença são duas essências que se opõem.

Tratam-se de dois ou mais indivíduos com igualdade ou desigualdade relativamente a algum aspecto ou direito, conforme sejam concedidos mais privilégios ou restrições a um e a outro (isto pode ocorrer independentemente de serem eles iguais ou diferentes no que se refere ao sexo, à etnia ou à profissão). [...] Ou seja, desigualdade e diferença não são noções necessariamente interdependentes, embora possam conservar relações bem definidas no interior de determinados sistemas sociais e políticos. (2005, p. 345-346).

A desigualdade se aproxima da diferença no sentido que, ambas contribuem para a discriminação e preconceito de alguns. A pobreza ou miséria torna os alunos que vivem em situações suburbanas alvo de “chacotas” dos colegas. Isso gera consequências que vão além de afetar o psicológico das vítimas, até a evasão destas da escola. Nessa sociedade

consumista, para os jovens que estão numa fase de construção da identidade e personalidade, baixa renda é sinônimo de baixa estima. Isso facilita para que se tornem alvos de *bullying*.

Em geral, jovens oriundos de famílias carentes onde a afetividade familiar também muito “pobre”. Por vezes, não existe um bom relacionamento entre pais e filhos no lar, estes entram na escola com dificuldade em estabelecer um vínculo afetivo com os demais colegas, desencadeando em uma relação de conflito e violência.

As vítimas sentem-se excluídas por não ter “condições” de usar roupas melhores, morar num lugar mais conceituado. Mas o que poucos percebem, é que isso resulta do sistema capitalista. A classe trabalhadora, pobre, serve apenas para gerar lucro a um burguês. Que colocará seus filhos em escolas particulares e pagará o “sucesso” deles à custa do “fracasso” de outros. A particularidade é construída sobre os alienados.

A desigualdade social e as hierarquias sociais também contribuem para a indisciplina. Perseguições e apelidos normalmente estão atrelados ao pertencimento racial e à orientação sexual de colegas, reforçando e recriando preconceito e racismo.

O autor alerta que a sociedade está tão acostumada com a violência e com o medo, que isso acaba se tornando um comportamento natural, típico do ser humano. O homem vive para se defender e/ou se esconder da violência.

Mas esta não é uma situação da atualidade. A bíblia nos dá uma variedade completa da violência. Ela inicia com a expulsão de Adão e Eva do Paraíso. Odalia coloca que essa expulsão “é a punição que o homem sofre por ter cometido uma infração.” (2004, p. 19). E acrescenta que o castigo:

se origina, evidentemente, da infringência de uma norma fixada arbitrariamente, cuja existência apenas se justifica pela presença de uma vontade unilateral, que se manifesta dando ou tirando, segundo suas próprias diretrizes. (...) A norma pressupõe a pena, tanto como uma forma de ser obedecida como um de seus fundamentos. (ODALIA, 2004, p. 20).

E desde então, as infrações e transgressões de regras têm como consequência o castigo, a punição. Esse primeiro ato de violência bíblico, para Odalia, mostra que “nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possam

uma estrutura facilmente identificável”. (2004, p. 22). Sendo assim, a violência não está na expulsão do Paraíso, isto foi a consequência, mas sobretudo na fixação de regras e normas de conduta que amesquinham e diminuem o homem, sem que ele tenha consciência disso. A expulsão para este autor é o ato explícito e as regras constituem o ato implícito, no qual o homem não percebe a manipulação.

Entre os cientistas sociais e pedagogos que focalizaram a violência na escola, Pierre Bourdieu, com o seu conceito de violência simbólica, ainda é o de maior repercussão.

[...] não existe delegação do exercício da violência a um grupo especializado, claramente identificado no âmbito da sociedade. Por conseguinte, não se pode escapar à lógica da vingança pessoal, *rekba*, *vendetta*, ou da autodefesa. (BOURDIEU, 2001, p. 101).

A violência muitas vezes não é percebida apenas fisicamente, e nem acontece somente com um grupo específico. Ela atinge a todos e se dá também através do medo, intimidação, fúria, ódio. Sentimentos esses presentes com maior frequência em pessoas agressivas.

Atualmente, este fenômeno está intimamente ligado ao surgimento do *bullying*, ou seja, intimidações constantes, que atingem o físico e/ou psicológico de suas vítimas repetidas vezes. É o que explanaremos no item a seguir.

Bullying e a diferença

Jurandir Freire Costa em seu livro *Violência e psicanálise* usa Freud para explicar o conceito de identidade.

Na teoria freudiana, a identidade não é um fenômeno simples mas um complexo produto de mecanismos identificatórios distintos em gênese, natureza e efeitos. Sua essência nada tem de indecomponível e a feição invariante que ordinariamente assume frente à consciência é, na verdade, uma resultante de processos psíquicos pertencentes a registros de significação diversos. (COSTA, 2003, p. 110-111).

É um aspecto que não se decompõe, que resulta de aspectos psíquicos que tem significados e valores diferentes em cada indivíduo. Segundo este autor, a identidade para o

sujeito, não é mais uma certeza e sim uma interrogação. Assim ocorre no sonho, na psicopatologia, na fantasia acordada, etc.

Para Freud “a identidade é uma amálgama de afetos e representações que o sujeito experimenta e formula como sendo a natureza de seu Eu e do outro, do corpo-próprio e do mundo de coisas e objetos”. (COSTA, 2003, p. 111-112).

Ou seja, a identidade é um conjunto de representações que o sujeito já vivenciou seja em si próprio ou através de experiências alheias. A agressividade, a violência e o bullying somam juntos fatores prejudiciais, que machucam a identidade do indivíduo que os sofre.

Quando usamos o termo violência, por exemplo, automaticamente associamos a desigualdade de poder entre quem a pratica e sua vítima. Essa desigualdade de poder, repetidamente, com humilhações, caracteriza o *bullying*.

Cléo Fante, uma especialista no estudo do fenômeno *bullying*, caracteriza-o como:

Um comportamento cruel e intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. (FANTE, 2005. p.29).

Brincadeiras, apelidos maldosos, humilhações constantes caracterizam o *bullying*. Este, um conceito específico e muito bem definido, para esta mesma autora, não se deixa confundir com outras formas de violência.

Silva (2010) coloca que o termo *bullying* escolar abrange todos os atos de violência (física ou não) que ocorrem de forma intencional e repetitiva. Ao recorrer ao dicionário, essa mesma autora, encontrou as seguintes traduções para a palavra *bully*: indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. Já a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.

Cubas (2006) coloca que grande parte das pesquisas levantadas adota a definição elaborada por Olweus (1993), segundo a qual *bullying* é definido a partir de três características: trata-se de um comportamento agressivo ou de uma ofensa intencional; ocorre repetidamente e durante muito tempo; ocorre em relações interpessoais caracterizadas por um desequilíbrio de poder. Ou seja, essa é uma definição que procura distinguir o *bullying* de

outro tipo de agressão pontual ou momentânea. No caso do *bullying* há uma clara intenção de ofensa ao outro e isso parte do pressuposto de que o agressor tem alguma superioridade em relação à vítima. Sintetizando, um aluno é vítima de *bullying* quando está exposto constantemente e durante boa parte do tempo a ações negativas por parte de um aluno ou de um grupo de alunos.

Partindo do pressuposto de que “o agressor tem alguma superioridade em relação à vítima” explanamos aqui o conceito de poder:

[...] o poder é essencialmente repressivo. O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe. (...) Hegel foi o primeiro a dizê-lo; depois, Freud e Reich o disseram. Em todo caso, ser órgão de repressão é no vocabulário atual qualificativo quase onírico do poder. (FOUCAULT, 1979, P.175).

O poder é um conceito muito amplo e complexo de ser definido. Ele separa quem o tem de quem não o tem. Exalta quem o possui e discrimina quem não o tem. Por isso é considerado fator preponderante no que diz respeito a contribuir para o *bullying*. Como Olweus explica em suas pesquisas, dá-se entre outros fatores pela visível diferença de poder entre agressor e vítima. A diferença absurda de poder, junto de agressão são características confirmadas quando se fala de *bullying*.

Ao se tratar de fenômeno *bullying*, os estudos não dão ênfase somente ao seu conceito, visam também identificar as causas que levam pessoas a cometê-lo, bem como os agressores e as vítimas. Baseado nisso, Lopes Neto citado por Szymanski e Alves (2009, p. 7979) classifica as vítimas do *bullying* em três tipos:

A vítima típica que possui aspecto frágil, coordenação motora deficiente, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa auto-estima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. Ainda, sente dificuldade de impor-se ao grupo, tanto física quanto verbalmente. A vítima provocadora que tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas não obtém bons resultados. Pode ser imperativa, inquieta, dispersiva e ofensora. É de modo geral tola, imatura, de costumes irritantes e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra. É a vítima agressora que reproduz os maus tratos sofridos como forma de compensação, procura outra vítima mais frágil e comete contra esta todas as agressões sofridas na escola, ou em casa, transformando o bullying em um ciclo vicioso.

O que poderia ser uma mera brincadeira de mau gosto, muitas vezes toma rumos que trazem somente resultados catastróficos para tais vítimas. E por medo elas na maioria das agressões não contam nem aos professores, nem aos pais, não sabem o que fazerem.

Fante explica que os comportamentos *bullying* podem ocorrer de duas formas:

A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger), a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social. (FANTE, 2005, p. 50).

O *bullying* traz atinge principalmente o psicológico das vítimas. Por isso é importante que pais e educadores fiquem atentos para sinais que os alunos deixam transparecer. Devido a grande maioria das vítimas serem tímidas e introvertidas, o isolamento dos colegas é muitas vezes um comportamento comum delas e isso dificulta a descoberta do *bullying*. Se os educadores não forem próximos dos alunos é quase impossível distinguir se o isolamento é um comportamento natural ou é forçado devia a outras circunstâncias.

Diante da relatividade entre o certo e o errado, você sempre pode encontrar um contexto no qual uma regra completamente lógica não faz sentido. Essa situação pode ocorrer ao lidarmos com alunos que são afetados por uma gama de experiências, como questões que envolvam a saúde mental, as diferenças de cultura e de classe e o abuso, e ao lidarmos com aqueles que estão lutando para deixar de se envolver com o desrespeito e o *bullying*. Alunos que enfrentam conflitos no sistema educacional são geralmente infelizes. Devido ao grande espaço de tempo gasto na escola e ao efeito desestabilizador da infelicidade, essas pessoas tornam-se muito analíticas na tentativa de encontrar soluções. (BEAUDOIN, 2006, p. 33-34).

A escola torna em grande parte de seu cotidiano alvo de tortura aos seus alunos. O *bullying* colabora vastamente para a evasão escolar e desistência destes.

Segundo Almeida (2009, p. 23) em seu artigo publicado na Revista Psicologia e Argumento (2009): “tanto as pessoas que sofrem *bullying*, quanto as que praticam a agressividade tem mais chance de desenvolver transtornos psiquiátricos na idade adulta do que aqueles que não tiveram essa experiência.”

Entendendo tal colocação, consideramos de suma importância, apresentar aqui uma referência que comprove o que foi dito anteriormente.

Silva (2010, p.25) no exercício diário de sua profissão, observa que:

Os problemas mais comuns em relação as consequências psíquicas e comportamentais do bullying, são: sintomas psicossomáticos, Transtorno do Pânico, Fobia Escolar, Fobia Social (Transtorno de Ansiedade Social – TAS), Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), Transtorno do Estresse pós-traumático (TEPT).

Cubas (2006, p.185) coloca que, numa análise mais abrangente:

Os problemas de bullying apresentam ainda uma outra extensão, podendo trazer implicações aos princípios democráticos fundamentais. O bullying que, muitas vezes, e visto apenas como uma “brincadeira de criança” é, basicamente, a ausência ou a ruptura de normas sociais. A ausência de sanções àqueles que seguem suas vontades individuais e não respeitam o direito à integridade física ou moral do outro pode ser a precursora de casos mais graves de incivildades, pois sinaliza que não existem limites para os agressores e que não existe defesa para as vítimas.

A educação deve ser transmitida na escola, porém esta deve ser ensinada em casa, no meio familiar, juntamente com valores como respeito, dignidade, benevolência. O aluno terá como primeiro exemplo sua família, aprenderá com ela a respeitar seu professor e seus colegas, assim como, conviver com estes e com o restante da sociedade em harmonia.

Considerações Finais

Cabe ressaltar aqui, com as palavras da educadora Fante fundamentada nas explicações do professor Olweus (1998) “para que um comportamento seja caracterizado como *bullying*, é necessário distinguir os maus-tratos ocasionais e não-graves dos maus-tratos habituais e graves”. (FANTE, 2005, p. 49).

O *bullying* não se deixa confundir com a violência, agressividade ou indisciplina, mesmo estes sendo fatores que contribuem para sua concretização e que estão presentes no cotidiano dos agressores e das vítimas. Porém, não se confundem no sentido que o *bullying* é um comportamento agressivo que acontece repetidamente e durante muito tempo, junto com o desequilíbrio de poder visível do agressor em relação à vítima e da clara intenção em ofender e humilhar ao outro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sidnéia Barbosa de; CARDOSO, Luciana R. D.; COSTAC, Vânia Vieira. **BULLYING: Conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar.**

Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?ddl=3247&dd99=view>

Acesso em 12/10/10

BARROS, José d'Assunção. **Igualdade, desigualdade e diferença: em torno de três noções.** 2005. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/27947340/Igualdade-Desigualdade-e-Diferenca-rediscutindo-tres-nocoos-revista-Analise-Social-pt>. Acesso: 21/08/2011.

BEAUDION, Marie-Nathalie. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

BORDIEU, Pierre Bourdieu. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação.** 3 ed. Campinas: Papyrus, 2001.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e psicanálise.** Rio de Janeiro: Graal, 2003. 3 ed.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979. 10 ed.

GIROUX, Henry. **A escola crítica e a política cultural.** São Paulo: Autores Associados, 1988.

ODALIA, Nilo. **O que é violência.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas na escola.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina e violência nas escolas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SZYMANSKI, Maria Lídia Sica; ALVES, Mirian Fontoura. **Enfrentando à violência: uma alternativa para a prevenção do fenômeno bullying.**

Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere2009/anais/pdf/3559_1968.pdf

Acesso em 12/10/10

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola: um guia para pais e professores.** São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.